



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/03/2022 a 10/03/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
04/03/2022	16,76	468,90	76,80	13,48	7,56
07/03/2022	16,74	467,90	78,15	14,25	7,49
08/03/2022	17,04	489,90	79,68	12,73	7,54
09/03/2022	16,86	495,00	80,07	11,99	7,35
10/03/2022	17,00	506,80	80,85	10,73	7,57
Média	16,88	485,70	79,11	12,64	7,50

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	204,00	
RS – Não Me Toque	204,00	
RS – Londrina	200,00	
PR – Cascavel	200,00	
MT – C.N.Parecis	179,00	
MS – Maracaju	196,00	
GO - Rio Verde	186,00	
BA – L.E.Magalhães	185,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	110,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	92,00	
SC – Rio do Sul	96,00	
PR – Cascavel	97,00	
PR – Londrina	97,00	
MT – C.N.Parecis	78,00	
MS – Maracaju	91,00	
SP – Itapetininga	98,00	
SP – Campinas	101,00	CIF
GO – Rio Verde	88,00	
GO – Jataí	88,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	100,00	
RS – Não Me Toque	100,00	
PR – Londrina	100,00	
PR – Cascavel	105,00	

Período: 09/03/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 10/03/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	93,31	202,22	95,10

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
10/03/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	74,61
Feijão (saco 60 Kg)	291,54
Sorgo (saco 60 Kg)	74,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,23
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,99**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,00

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Fevereiro/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

A semana foi de fortes oscilações em Chicago, com o bushel voltando a superar os US\$ 17,00 em alguns momentos, e se aproximando do recorde histórico naquela Bolsa. O fechamento desta quinta-feira (10) ficou em exatos US\$ 17,00/bushel (contrato março), para o primeiro mês cotado, contra US\$ 16,80 uma semana antes. Lembrando que o mercado já considera o contrato de maio/22 como o primeiro mês, sendo que este fechou o dia 10/03 em US\$ 16,86/bushel.

A continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, com o aumento das sanções econômicas dos países ocidentais contra a Rússia, aliado aos bloqueios comerciais motivados pelo próprio conflito, e mais a redução constante nas projeções da safra de soja sul-americana, e particularmente a brasileira, devido à seca, fazem o mercado disparar e se manter em níveis elevados. O farelo, por exemplo, se aproximou dos US\$ 500,00/tonelada curta em Chicago, algo pouco visto nas últimas décadas, enquanto o óleo de soja voltou a bater seu recorde histórico ao atingir a 80,07 centavos de dólar por libra-peso no dia 09/03 em Chicago.

Somou-se, ainda, a tudo isso o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no último dia 09/03, o qual apontou uma redução nos estoques finais estadunidenses de soja, para o corrente ano 2021/22, com os mesmos ficando agora em 7,77 milhões de toneladas, embora o volume colhido na última safra tenha permanecido em 120,7 milhões. Em termos mundiais, a produção total foi reduzida em 10 milhões de toneladas, ficando agora projetada em 353,8 milhões, enquanto os estoques finais mundiais recuaram para 90 milhões de toneladas. Isso se deve ao fato de que o relatório reduziu a safra brasileira, que está sendo colhida, para 127 milhões de toneladas, lembrando que no Brasil os diferentes analistas projetam uma safra ainda menor, ou seja, algo entre 120 e 125 milhões de toneladas. Também foram reduzidas as safras da Argentina e do Paraguai. Os argentinos deverão colher 43,5 milhões de toneladas (os analistas argentinos apontam uma produção ainda menor, ao redor de 40,5 milhões de toneladas), enquanto os paraguaios colheriam apenas 5,3 milhões de toneladas. Em sendo assim, a totalidade da safra sul-americana, do corrente ano, não deverá ultrapassar as 180 milhões de toneladas, quando as expectativas iniciais apontavam mais de 212 milhões a serem colhidas. Por enquanto, tem-se na região uma quebra de pouco mais de 15%, podendo aumentar na medida em que a colheita avança. Enfim, o relatório indicou importações chinesas recuando mais três milhões de toneladas, para ficarem em 94 milhões no ano 2021/22. Com isso, o preço médio aos produtores de soja dos EUA, no corrente ano comercial, está calculado, agora, em US\$ 13,25/bushel, ou seja, cerca de US\$ 3,50 abaixo do que Chicago vem atualmente praticando.

Portanto, passado o conflito armado no Leste Europeu, mesmo com os efeitos irreversíveis da seca na América do Sul, o potencial de recuo nas cotações em Chicago é bastante grande. Especialmente se os EUA confirmarem aumento em sua área cultivada com a oleaginosa a partir de maio próximo.

Enquanto isso, aqui no Brasil, embora o Real tenha se valorizado, mesmo diante do conflito russo-ucraniano, voltando à casa dos R\$ 5,00 por dólar durante a semana, os preços da soja continuaram subindo diante dos fatores adversos já citados. Pela primeira vez na história, o preço nominal da média gaúcha atingiu a R\$ 200,00/saco,

chegando a R\$ 202,22/saco. Ao mesmo tempo, nas demais praças nacionais tais preços oscilaram entre R\$ 179,00 e R\$ 200,00/saco.

Com o forte aumento nos preços do barril de petróleo no mercado mundial, puxados pela guerra, os valores do óleo de soja dispararam diante de uma maior demanda pelo mesmo. Começa a haver redução nas exportações de óleo de girassol pela Ucrânia, enquanto o óleo de palma está escasso na Indonésia, como já comentamos em semanas passadas. Diante disso, o interesse pelo biodiesel, à base de óleo de soja, volta a crescer no mercado.

Toda esta conjuntura mundial e nacional eleva igualmente os prêmios nos portos brasileiros, os quais chegaram entre US\$ 1,50 e US\$ 1,65/bushel, em Paranaguá, para o período de março a junho do corrente ano.

Dito isso, a colheita brasileira está estimada, agora, entre 120 e 125 milhões de toneladas, conforme os diferentes organismos de estatística, traders e órgãos públicos no país, lembrando que no início do plantio se projetava até 144 milhões de toneladas.

Já a comercialização desta nova safra avançou para algo entre 48,5% e 55% do total agora esperado, contra a média histórica, para esta data, de 50,4%. Para a futura safra 2022/23 as vendas antecipadas alcançam 7,1% do que se espera colher. (Safras & Mercado e Ag Rural)

Diante de perdas ao redor de 24 milhões de toneladas em relação ao esperado, no Brasil, a produtividade média para este ano deverá cair para 50,4 sacos/hectare no país, sendo esta a mais baixa deste a safra de 2015/16.(cf. AgRural)

Especificamente no Mato Grosso, a colheita atingia a 90,5% da área no início da presente semana, contra a média histórica de 82,9% para esta época. A safra de soja naquele Estado deverá atingir a um recorde de 39,5 milhões de toneladas, com produtividade média acima de 60 sacos/hectare pela primeira vez na história. Em se confirmando dita produção, a mesma será 9,5% superior ao colhido no ano anterior pelo Mato Grosso. Tal performance ajuda a aliviar as grandes perdas ocorridas no sul do país.

Neste sentido, no Rio Grande do Sul novas estimativas dão conta de uma produção final entre 8,9 e 9,5 milhões de toneladas, com perdas superiores a 50% em relação ao esperado. (cf. Emater) Estamos diante da pior safra desde 2012, quando o Estado teria colhido apenas 6,5 milhões de toneladas segundo a Conab. Por sua vez, há regiões em pior estado. O Noroeste gaúcho, por exemplo, vem conseguindo, na região de Ijuí, apenas 12 sacos/hectare de produtividade média, representando uma perda de 80% em relação ao esperado. Em outras tantas regiões há produtores que nem se animam a colher suas lavouras, pois economicamente não vale à pena, tamanho é o estrago causado pela seca.

Já no Paraná, a colheita deverá ficar em 11,6 milhões de toneladas, com quebra ao redor de 42% em relação ao esperado. A colheita neste Estado chegava a 54% da área neste início de semana. (cf. Deral)

Enfim, as exportações brasileiras de soja, em março, devem somar 13,8 milhões de toneladas segundo a Anec, alterando as projeções indicadas na semana anterior, que eram de 11,8 milhões. Lembrando que em março do ano passado o volume exportado chegou a quase 15 milhões de toneladas. A Anec ainda projeta exportações de 1,78 milhão de toneladas em farelo de soja para o mês de março, contra 1,27 milhão em março do ano passado.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, têm oscilado bem menos na comparação com o trigo e a soja, já que os efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia, no mercado deste cereal, parecem ser menores, apesar da Ucrânia ser um grande exportador do cereal. Assim, o fechamento desta quinta-feira (10) ficou em US\$ 7,57/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 7,51 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 09/03, trouxe algumas alterações no quadro deste mercado, porém, sem grandes impactos, pelo menos por enquanto. O mesmo apontou a manutenção do volume da última colheita estadunidense, porém, reduziu os estoques finais daquele país, para 2021/22, com estes ficando agora em 36,6 milhões de toneladas. Já a produção brasileira foi mantida em 114 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina sofreu recuo para 53 milhões. A produção mundial aumentou para 1,206 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais recuaram em um milhão de toneladas, ficando em 301 milhões. Neste novo ano comercial o Brasil deverá exportar 43 milhões de toneladas, a julgar pelo relatório. Neste contexto, o preço médio aos produtores de milho dos EUA, no corrente ano comercial, deverá ficar em US\$ 5,65/bushel, ou seja, perto de dois dólares à menos do que Chicago vem praticando no momento.

Enquanto isso, as estatísticas argentinas desmentem totalmente o relatório estadunidense, ao apontarem que sua safra de milho de 2021/22, devido a seca, deverá recuar para 48 milhões de toneladas. Na época do plantio se cogitava uma produção próxima dos 58 milhões de toneladas. A produtividade de milho no vizinho país deverá atingir seu menor nível em 10 anos.

Já no Brasil, diante das grandes perdas na safra de verão, os preços subiram novamente. A média gaúcha, no balcão, ficou em R\$ 93,31/saco, enquanto o CIF Campinas voltou a ultrapassar os R\$ 100,00. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 78,00 e R\$ 98,00/saco, enquanto no porto de Paranaguá o produto bateu em R\$ 110,00/saco.

Paralelamente, na B3 o pregão da quinta-feira (10) abriu com os seguintes valores: o contrato março em R\$ 101,70; maio em R\$ 103,38; julho em R\$ 97,58; e setembro em R\$ 97,50/saco.

Dito isso, o plantio da segunda safra de milho no Centro-Sul brasileiro atingia a 81% da área esperada no início da presente semana, contra 54% um ano atrás. Para a safrinha, as condições climáticas continuam favoráveis. Já a colheita do milho de verão, na região, atingia a 45% da área, contra 35% um ano atrás. Espera-se uma safra total no país, neste ano, entre 111 e 114 milhões de toneladas.

Especificamente no Mato Grosso, a expectativa de plantio da safrinha aumentou para 6,28 milhões de hectares a partir do bom andamento da colheita da soja no momento. Estima-se que a semeadura tenha sido feita em 93,9% do total dentro da janela ideal. Com isso, espera-se uma produção final, naquele Estado, ao redor de 40,6 milhões de toneladas de milho safrinha. Isso significa uma alta de 24,1% sobre a safrinha do ano passado. O plantio atingia a 94% da área esperada no início da presente semana.(cf. Imea)

E no Paraná a seca deve ter provocado uma perda de 40% na safra de milho de verão, com a mesma devendo ficar ao redor de 2,5 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, o plantio da safrinha de milho atingia a 69% neste início de semana, contra 43% um ano antes, na mesma época. A área total esperada para a segunda safra de milho, no Paraná, é de 2,63 milhões de hectares. O percentual de áreas consideradas boas atingiu a 46% para a safra de verão e 90% para a safrinha já semeada. Enfim, o Paraná já teria colhido 64% da área relativa a safra de milho de verão.(cf. Deral)

No Mato Grosso do Sul, até o dia 04/03, o plantio da safrinha chegava a 59,2% da área esperada no início da presente semana, contra 61,5% na média histórica. A área total esperada está mantida em 1,99 milhão de hectares, ou seja, um recuo de 12,6% sobre o ano anterior. A produtividade média esperada está agora projetada em 78,1 sacos/hectare naquele Estado, o que tende a gerar uma produção final de 9,34 milhões de toneladas. O preço médio do saco de milho local subiu para R\$ 87,69 na semana anterior, sendo que até o momento 25,5% da nova safrinha já teria sido negociada antecipadamente pelos produtores sul-matogrossenses, contra 27,5% no mesmo período do ano passado. (cf. Famasul)

Enfim, segundo a Anec, não haverá exportação de milho, por parte do Brasil, neste mês de março, contrariando as estimativas de 30.000 toneladas feitas na semana anterior. Lembrando que em março de 2021 o país exportou 115.120 toneladas do cereal.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, foram as que apresentaram as maiores oscilações durante a semana. O bushel do cereal chegou a atingir o recorde histórico de US\$ 14,25 no dia 07/03, recuando sensivelmente para US\$ 10,73 no fechamento da quinta-feira (10), e ficando bem abaixo do valor de uma semana antes, que foi de US\$ 12,89. Assim, mesmo com o recuo momentâneo em Chicago, o quadro comercial mundial, para o cereal, é de grande preocupação. Afinal, o trigo é um dos produtos mais atingidos pelo conflito armado entre Rússia e Ucrânia, pois estes dois países representam 30% das exportações mundiais do cereal.

Além disso, tivemos o relatório de oferta e demanda do USDA, neste último dia 09/03, com o mesmo indicando a manutenção da produção e dos estoques finais estadunidenses para 2021/22. No entanto, houve aumento na projeção da produção mundial, a qual passou a 778,5 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais foram elevados para 281,5 milhões. A produção da Argentina foi mantida em 20,5 milhões de toneladas, enquanto a brasileira permaneceu em 7,7 milhões. Ao mesmo

tempo, enquanto o relatório mantinha os volumes de produção da Rússia e Ucrânia, respectivamente em 75,2 e 33 milhões de toneladas, houve importante recuo nas suas capacidades de exportação. Agora a Rússia exportaria 32 milhões de toneladas, contra 35 milhões indicados em fevereiro, enquanto a Ucrânia venderia ao exterior 20 milhões de toneladas, contra 24 milhões projetados no mês anterior. No somatório dos dois países, são sete milhões de toneladas exportadas a menos. Neste contexto, o preço médio aos tricultores estadunidenses, neste ano comercial 2021/22, ficaria em US\$ 7,50/bushel, ou seja, em linha com o que Chicago vem indicando atualmente.

Dito isso, a consultoria agrícola russa SovEcon ainda aponta exportações russas de trigo ao redor de 33,5 milhões de toneladas para este ano, embora o volume total venha paulatinamente sendo reduzido conforme avança a guerra com a Ucrânia. Segundo a referida empresa, a Rússia teria exportado 27,7 milhões de toneladas de trigo entre julho/21 e fevereiro/22.

Por sua vez, no Brasil, os preços do trigo igualmente dispararam. A média gaúcha, no balcão, pela primeira vez na história, atingiu a R\$ 95,10/saco, em termos nominais, havendo regiões produtoras que estão pagando R\$ 100,00/saco. No Paraná, os preços médios fecharam a semana oscilando entre R\$ 100,00 e R\$ 105,00/saco ao produtor.

O quadro começa a ficar dramático no que diz respeito aos preços aos consumidores, pois logo adiante haverá repasses aos preços finais. Mesmo assim, a Anec projeta embarques de trigo brasileiro em um total de 502.600 toneladas no mês de março, sendo que em março do ano passado não houve exportações do produto. Neste contexto, as vendas externas de trigo brasileiro podem somar 2,12 milhões de toneladas no acumulado do primeiro trimestre do corrente ano, volume quase o dobro do praticado no mesmo período do ano passado. Com a disparada dos preços internacionais, ocorre maior demanda pelo produto brasileiro, o qual geralmente não é aproveitado integralmente no mercado interno, caso do trigo gaúcho. Todavia, este aperto na oferta nacional elevará ainda mais os preços do cereal, pressionando a inflação ao consumidor. Nossas exportações ocorrem agora em função de negócios fechados ainda no ano passado, após a safra recorde e um Real muito desvalorizado.

Enquanto isso, internamente os moinhos estão relutando em repassar integralmente o aumento dos preços internacionais do cereal, ao produtor brasileiro. Os preços do trigo nacional sobem porque as importações brasileiras aumentaram sensivelmente de preço, mesmo com um câmbio ao redor de R\$ 5,00/saco. Assim, o preço pago na importação puxa o preço do produto nacional no mercado interno. O fato é que os acontecimentos inesperados, motivados pela guerra no Leste Europeu, estão comprometendo a disponibilidade interna de trigo e as margens dos moinhos. O Brasil deverá, a qualquer preço, importar um total de 6,7 milhões de toneladas de trigo no atual ano comercial. Analistas privados apontam que o Brasil só terá trigo disponível para negociação até, no máximo, meados de abril ficando, posteriormente, na dependência do produto importado. (cf. SoneX)

Por outro lado, conforme já comentado no boletim passado, este comportamento de mercado tende a elevar a área semeada com trigo no Brasil para este ano 2022, contrariando a tendência de redução que havia até então, motivada, esta, pela forte alta nos custos de produção desde o ano passado. Neste sentido, a Fecoagro anunciou nesta semana que o custo de produção da nova lavoura de trigo gaúcha, baseado no

valor de R\$ 100,00/saco do produto, sobe 14,5% sobre o custo calculado em fevereiro, exigindo que o produtor gaste 45,08 sacos por hectare para pagá-lo. Ou seja, lucro com o trigo apenas com uma produtividade média acima deste patamar. E, para isso, será preciso um clima muito favorável.

Enquanto isso, muitos moinhos estão pressionando para que a cota de importação de trigo, de países de fora do Mercosul, venha a ser isentada por um período, a fim de que as importações tenham preços um pouco menores. Atualmente, o setor no Brasil, um dos maiores importadores globais de trigo, paga uma taxa de 10% para importações que excedem uma cota de 750.000 toneladas ao ano isenta de tarifa. Em 2020, quando a oferta apertou no Mercosul, a indústria brasileira foi contemplada com uma cota adicional, o que elevou o volume anual isento de taxa para 1,2 milhão de toneladas.

Os Estados Unidos são, em geral, os maiores fornecedores do Brasil fora do Mercosul, e tendem a se beneficiar de uma cota adicional sem tarifa. Os moinhos brasileiros adquirem a maior parte de suas necessidades dos parceiros comerciais Argentina, Uruguai e Paraguai, que vendem com isenção de taxa. Em 2020, quando a cota extra vigorou, o Brasil importou 733.000 toneladas dos EUA, além de 237.000 toneladas da Rússia, e outras 115.000 toneladas do Canadá, com os países do Mercosul respondendo pela maior parte da oferta externa adicional. Naquele ano, o Brasil importou 6,16 milhões de toneladas, segundo dados do governo. Já em 2021, quando o Brasil colheu uma safra recorde, as importações dos EUA somaram somente 90.000 toneladas, enquanto os russos venderam 28.000 toneladas, com a Argentina ficando com quase 5,5 milhões de toneladas.

O Brasil praticamente não compra trigo da Rússia e não registra importações do produto ucraniano, mas um eventual aperto na oferta brasileira, devido a guerra, está preocupando o setor moageiro nacional. Afinal, o trigo argentino igualmente disparou de preço, balizado que é pelas cotações em Chicago.

Ora, o preço do trigo chegou a subir mais de 40% no mercado mundial desde que a guerra começou, em 24 de fevereiro passado. Assim, mesmo que o Brasil não encontre problemas de abastecimento, os preços do cereal e seus derivados vão disparar no mercado interno.

Para se ter uma ideia do problema, neste início de semana foram identificados negócios entre R\$ 2.070,00 e R\$ 2.100,00/tonelada, no Rio Grande do Sul. Isso equivale a preços entre R\$ 124,20 e R\$ 126,00/saco a nível de indústria. Por enquanto, os moinhos do Paraná e do Rio Grande do Sul afirmam não conseguir operar em níveis de paridade com o exterior, alegando dificuldade em repassar esses preços para a farinha. De qualquer forma, os preços atuais nas regiões de produção do país já superam os do início da guerra em quase 15%, operando em níveis recordes. (cf. Abitrigo)